



# O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



**HÁ CEM ANOS NOSSA SENHORA APARECIDA  
ERA COROADA RAINHA E PADROEIRA DO BRASIL**

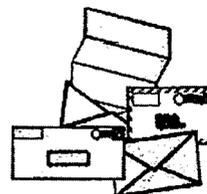
ANO XXV

SETEMBRO/OUTUBRO

2004

297/298

# Escrevem os Leitores



*Venho por meio desta comunicar que depusitei R\$......, em nome do Grêmio Cultural Santa Maria. Aqui vai o comprovante.*

**OSVALDO ANTONIETTI**  
**SANTO ANDRÉ - SP**

*Levo ao conhecimento de V.SRA. a indicação de meu novo endereço:....., onde aguardo prazerosamente a remessa de "O Desbravador".*

**IRMÃO RENATO DAVINI**  
**SÃO LOURENÇO - MG**

*... Pois continua me enviando os jornaizinhos. Gosto muito de lê-los e sinceramente aprendo muito com cada nova edição.*

**ANDRESSA S. SANTOS OLIVEIRA**  
**SÃO PAULO - SP**

*Por favor, estou mandando o endereço novamente. Mande a ela "O Desbravador", pois ela está ansiosa para recebê-lo.*

*O nome e endereço dela é: ...  
Em Jesus e Maria*

**ALEXANDRE SEREGATI**  
**LIMEIRA - SP**

*Mandei uma correspondência para "O Desbravador", solicitando alguns*

*Exemplares para várias pessoas interessadas. Gostaria de saber se a solicitação chegou até vocês.*

*Espero retorno.*

**SÔNIA SENE BARUFFI**

*Eu desejo saber sobre a assinatura do Desbravador.*

**ANTONIETA TIBALDI**

Imprimimos  
com

**RIPAX**  
Premium  
Quality  
Paper 120g/75

## O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

### DIRETOR

MESSIAS DE MATTOS

### ASSISTENTE DE DIREÇÃO

PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO  
MOACIR ANDRADE DE PAULA

### SUPERVISÃO

HERIBALDO CARDOSO DE BARROS  
GERALDO JOSÉ DE MATOS  
JANILSON ALVES DIAS

### REDAÇÃO

PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA  
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS  
RONILSON VERÍSSIMO  
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS  
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA  
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

### SECRETARIA

PATRICIA MIDÕES DE MATOS  
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO  
SHEFFERSON SANDER FERREIRA  
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

### EXPEDIÇÃO

JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO  
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS  
GERSON FERNANDES DOS SANTOS  
ROGÉRIO VERÍSSIMO  
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO  
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA  
CAIXA POSTAL - 1525  
01059 - 970 SÃO PAULO SP  
e-mail - odesbravador@uol.com.br

# Editorial

O encontro da Imagem de Nossa Senhora Aparecida no rio Paraíba no século XVIII foi uma bênção para o Brasil.

Desde então não cessaram as graças da Mãe Celestial para o povo brasileiro, que reconhecia na Virgem Mãe Aparecida sua Senhora, Rainha e Mãe.

Em 1904, Ela foi coroada como nossa Rainha e nossa Padroeira. E tem cumprido maravilhosamente com esses títulos. Os milagres que faz para nós brasileiros são prova disso. Os ex-votos que são deixados na sala dos milagres confirmam o que estamos a dizer.

Infelizmente, porém, nem todo o Brasil corresponde a tão grandes benesses de Nossa Mãe e Rainha.

Existem coisas em nossa Pátria que não condizem com aquilo que Ela faz por nós.

As drogas se espalham, o chamado turismo sexual prolifera, os casamentos diminuem em detrimento das uniões de fato, pro'iferam publicações imorais, as seitas crescem e assim por diante.

Apesar disso, Nossa Senhora é Rainha do Brasil e quer reinar nos corações dos brasileiros. Ela quer o nosso coração para o serviço de seu Divino Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo. E para isso cabe a nós não desanimarmos diante do mal e rezarmos para mudar o quadro negativo acima descrito. Além disso, lutarmos com todas as nossas forças, com todos os meios legítimos ao nosso alcance para fazer do maior país católico do mundo nos números, uma verdadeira Terra de Santa Cruz.

Se lutarmos venceremos pois os guerreiros combaterão e Deus dará a vitória. O auxílio de Nossa Senhor Aparecida não nos faltará.

Ela quer que rezemos e combatamos. Ela vencerá.



“É DURANTE A NOITE QUE É BELO ACREDITAR NA LUZ”

(Edmond Rostand)

## HEROÍSMO DE SÃO CLEMENTE HOFBAUÉR

São Clemente Maria HofBauer iniciava seu apostolado na Polônia e precisava de recursos para suas obras.

Destemidamente pedia esmolas. Certa noite foi a uma taverna pedir ajuda para os pobres de São Beno (Igreja por ele cuidada).

Na taverna, encharcados de cerveja, poloneses ricos vociferavam contra os padres de São Beno, que eram de origem alemã, pois nessa época a Polônia fora partilhada e os alemães haviam ficado com parte do país.

Dizia, um desses poloneses chamado Kalinski: “Esses alemães, não basta terem destruído com nossa pátria, agora querem tomar as consciências de nossas famílias, através desses padres! Se eu pego um deles, ele vai ver o que é bom”.

Nisso entra São Clemente, dizendo: “Uma esmola para os pobres de São Beno”. Os colegas disseram a Kalinski: “Então você não vai fazer nada?”.

Kalinski encheu a boca de cerveja e despejou no rosto de São Clemente. O santo, que era fortíssimo, não se alterou e disse ao agressor: “Isso é para mim, agora dê uma esmola para os pobres de São Beno”. Silêncio geral e o Santo volta para a Igreja de São Beno.

Ali chegando conta o ocorrido para o padre Hubl e diz que iriam construir abrigo para os pobres, centros para jovens e que passariam a pregar nas ruas.

O Padre Hubl julgou que o santo delirava e perguntou aonde ele arranjaria ajudantes e dinheiro para tudo isso. São Clemente respondeu: “Nossa Senhora e São José cuidarão disso”.

Nessa hora o irmão leigo que os ajudava disse que haviam havia chegado um senhor chamado Kalinski e quatro jovens fugidos da Revolução na França, chefiados por um certo Passerat.



Kalinski trazia uma bolsa repleta de moedas de ouro que coletara na taverna como ajuda. Passerat era um seminarista que ouvira falar do santo e, com mais três colegas, veio se juntar a ele em seu apostolado.

Diante disso o padre Hubl pôs-se a chorar.

Ressalte-se que o Padre José Constantino Passerat foi o continuador da obra de São Clemente Maria Hofbauer.

# RIPAX

O PAPEL  
DA  
RIPASA

## O mito evolucionista

É muito comum, nas escolas, professores de História, Ciências e Biologia falarem da origem do homem. Quase que invariavelmente eles dizem que há duas explicações para isso; a "científica", que seria o evolucionismo, e a religiosa que atribui a Deus a criação do ser humano e, que eles dizem ser fantasiosa, acrescentando então o famoso desenho aonde se vêem seis ou sete seres, sendo dois ou três macacos (os primeiros), dois homens (os últimos) e dois ou três mistos. Com isso eles concluem que a evolução é uma verdade absoluta e, portanto o homem descenderia do macaco.

Isso, desgraçadamente, faz tantos jovens perderem a Fé, e pior, perderem suas almas.



Eles, além disso, falam como se essa hipótese (sim, hipótese) evolucionista fosse unanimidade científica.

Quanta mentira!

Na verdade – como dissemos – o evolucionismo não passa de uma hipótese e isso o próprio Darwin o afirmava. Mas como são contra a Fé, os promotores da hipótese continuam a espalhá-la.

Na verdade faltou, falta e sempre faltará ao evolucionismo a existência do elo perdido, quer dizer de um ser intermediário entre o ser irracional e o homem.

Na sua sanha anticatólica um "cientista" – Heckel – literalmente fabricou um "elo perdido", o homem de Piltdown. Assim, juntou ossos de origens diversas (homem e macaco) deu-lhes banhos de sulfato de ferro e fez o seu "fóssil". Isso foi em 1913. Por quase meio século, livros "científicos" apresentaram o "elo perdido". Em 1950, um grupo de pesquisadores ingleses demonstrou a fraude. O elo continuava perdido.

Outro falso elo perdido foi o "pitocantropus erectus" que alguns livros chegaram a apresentar como um ser cheio de pelos. Mas, ele era outra mentira. Em 1890,

Eugenio Dubois encontrou uma calota craniana de macaco, no ano seguinte, a 15 metros de distância, encontrou um fêmur humano. Juntou os dois e... pronto. Nasceu o "pitocantropus erectus"! Como ele descobriu que era peludo, eu não sei.

Seria o mesmo que se encontrasse um osso de cavalo numa cova e, cavando mais, achasse uma caveira humana e daí se afirmasse que existiram os centauros.

Sobre o chamado homem de Neandertal, cientistas afirmaram que ele atrasou em 50 anos a ciência. Acerca do "homem de Pequim" mostrou-se depois como "descoberta" não comprovada.

Os outros fósseis ou são humanos ou são de macacos. Portanto, não se achará o elo perdido, pois ele não existe. Além disso, deve ser dito que se o evolucionismo tivesse ocorrido porque hoje os animais não se transformam em outros? Porque as moscas, os coelhos, os cães, os macacos continuam existindo sendo moscas, coelhos, cães e macacos?



Por outro lado, o evolucionismo vai contra uma lei científica: o menos não pode gerar o mais. Ademais disso, as orogenias e a termodinâmica comprovam a impossibilidade da evolução.

Para encerrar, gostaríamos de citar algumas opiniões de estudiosos do assunto. O Paleontólogo evolucionista Helman disse que o evolucionismo está completamente desmoralizado e ninguém acredita nele ("in some problems of vertebrate paleontology", science, vol.133, pág.1679, ano 1961). Por seu lado Yves Delanges, professor de Zoologia, na Sorbonne, fala textualmente "admito prontamente que não existe absolutamente nenhuma evidência de que algo como a evolução tenha jamais ocorrido". O diretor do Instituto de Pesquisas Científicas de Ottawa (Canadá), N.R.Thompson, por sua vez, diz que "o sucesso do darwinismo é acompanhado de um declínio da inteligência científica".

E o professor Sir Frederic Hayle, astrofísico de Cambridge diz: “a probabilidade da formação de vida espontânea a partir da matéria inanimada é de um para um número 40000 zeros! Um número suficientemente grande para enterrar Darwin e toda teoria evolucionista”. Nós acrescentaríamos que não é apenas improvabilíssima a hipótese de formação de vida espontânea a partir da matéria inanimada, é impossível! (fato que o grande Louis Pasteur já provara). A vida é obra de Deus. Colocamos a citação do astrofísico de Cambridge para mostrar que os evolucionistas estão errados.

Sim o homem foi criado por Deus, à sua imagem e semelhança. E essa verdade é para nós uma honra, uma glória.

Diante de tudo que afirmamos, como explicar que o evolucionismo continue sendo defendido e ensinado como científico? Como explicar que a impostura tenha ganhado ares de certeza absoluta?

A resposta parece simples: Há todo um ódio à Religião. Há pessoas que querem destruir a Fé nos corações dos homens e no seu fanatismo lançam mão da mentira para alcançar o seu perverso resultado. Além disso, há pessoas de vida ruim e que querem tirar Deus de sua existência para justificarem o seu comportamento, adotam pseudociências para tentarem sossegar suas consciências. Lembremo-nos que Santo Agostinho já dizia que ninguém nega a Deus a não ser que tenha algum interesse em que Deus não exista.

DIANTE DE TANTAS MENTIRAS EVOLUCIONISTAS, DIANTE DAS FRAUDES DOS “ELOS PERDIDOS”, JÁ HOUVE QUEM DISSESSE QUE NÃO SE TRATA DUM EMBATE ENTRE CIÊNCIA E FÉ, MAS UMA LUTA ENTRE VERDADEIRA CIÊNCIA (QUE COMPROVA A FÉ) E A “FÉ” EVOLUCIONISTA.



## O Evolucionismo

O evolucionismo, basicamente, diz que ocorre uma semelhança entre o homem e o macaco (semelhança e não igualdade) no fato de andarem sobre os dois pés.

Existem, porém, pontos de total diversidade entre um e outro, e maior semelhança com o homem e outros animais. Exemplo: na capacidade de emitir sons articulados somos semelhantes aos papagaios, na forma, tamanho relativo e posição dos órgãos internos (as vísceras) o animal mais parecido com o homem é o porco e não o macaco; de acordo com a estrutura do pé, o animal mais parecido com o homem é o urso polar; de acordo com o tamanho e forma do cérebro é o golfinho o animal mais parecido com o homem; nos hábitos alimentares onívoros é o porco e a ratazana que comem de tudo e a maioria dos macacos é frugívoros. Ninguém, no entanto, diz que o homem descende dos papagaios, ratazanas etc.

Sim, são semelhanças, mas semelhança nada prova.

## SÃO FRANCISCO DE BORJA

A família espanhola Borja se tornou célebre quando Alfonso Borja foi eleito Papa, com o nome de Calisto III, e quando outro Borja foi também nomeado Pontífice e se chamou Alexandre VI. Este Borja, antes de ser Papa, tinha tido 4 filhos e um deles foi o pai de nosso santo.

Francisco de Borja era neto do Papa Alexandre VI, por parte de pai, neto do Rei Fernando de Aragão, por parte de mãe, primo do Imperador Carlos Quinto e filho do Duque de Gândia.

Sua família se preocupava muito com a educação que o jovem recebia. Eles queriam a melhor possível e até mandaram-no para a corte do Imperador para que aprendesse a arte de governar. Isto foi de grande utilidade para os cargos que ocupou mais tarde.



Casou-se com Leonor de Castro, uma jovem da corte do Imperador, e teve 6 filhos. Seu casamento durou 17 anos e foi um modelo de harmonia e de fidelidade.

O Imperador Carlos V o nomeou Vice-Rei da Catalunha (capital, Barcelona), região que estava em grande desordem e com muitas quadrilhas de assaltantes. Francisco pôs ordem rapidamente e demonstrou ter grandes qualidades para governar. Mais tarde, quando seria o Superior Geral dos Jesuítas dirá: "ter sido governador da Catalunha me foi muito útil, porque ali aprendi a tomar decisões importantes, a ser mediador entre opositores, e a ver os assuntos com os dois pontos de vista, o do que ataca e o do que é atacado".

A Rainha da Espanha era especialmente bonita, mas morreu em plena juventude, e Francisco foi encarregado de levar o seu cadáver até a cidade aonde seria sepultada. Esta viagem durou vários dias e, ao chegar ao seu destino, abriram o caixão para constatar que era mesmo o cadáver da rainha. Mas, o rosto da defunta pareceu tão decomposto e de má aparência, pela putrefação, que Francisco se comoveu até o fundo de sua alma e se propôs firmemente: "Nunca mais me dedicarei a servir a chefes que irão morrer". Dali em diante se propôs a servir unicamente a Jesus Cristo que vive para sempre.



"Nunca mais me dedicarei a servir a chefes que irão morrer"

As pessoas começaram a notar que a vida e o comportamento do vice-rei Francisco mudaram de maneira surpreendente. Não se interessava mais pelas festas mundanas, mas sim pelos atos religiosos. Já não ia à caça e aos bailes, mas sim visitar pobres e conversar com religiosos e sacerdotes. Um bispo escrevia dele, nesse tempo: “Dom Francisco é modelo de governante e um cavalheiro admirável. É um homem verdadeiramente humilde e sumamente bondoso. Um homem de Deus em todo o sentido da palavra. Educa a seus filhos com um esmero extraordinário e se preocupa muito pelo bem-estar de seus empregados. Nada lhe agrada tanto quanto a companhia de sacerdotes e religiosos”. Alguns o criticavam dizendo que um governante não deveria ser tão piedoso, mas a maioria estava contente em vê-lo tão fervoroso e cheio de virtudes.



Em 1546 morreu sua esposa, a senhora Leonor. Desde então, Francisco não parou de pensar em se tornar religioso e sacerdote. Escreveu a Santo Ignácio de Loyola pedindo-lhe que o aceitasse como jesuíta. O santo lhe respondeu que sim, o admitiria, mas que antes de dedicasse a terminar a educação de seus filhos e que aproveitasse esse tempo para ir à universidade e obter graduação em teologia. Assim o fez pontualmente (Santo Ignácio lhe escreveu recomendando que não contasse ao povo notícia tão inesperada “porque o mundo não tem orelhas para ouvir tal estrondo”).

Em 1551, depois de deixar seus filhos em boas posições e herdeiros de muitos bens, foi ordenado como jesuíta. Essa foi “a notícia do ano” e da época, a notícia que o Duque de Gândia e governador de

Barcelona deixara tudo, se tornara religioso e era ordenado sacerdote. A multidão que assistiu à sua primeira Missa foi tão extraordinária que ele teve que celebrá-la numa praça.

Em 1554 foi nomeado, por Santo Ignácio, como superior dos jesuítas na Espanha. Dizem que ele foi o grande propagador dessa comunidade em terras espanholas. Com suas qualidades de líder organizou, com muita sabedoria, a seus religiosos e se empenhou em enviar missionários à América. O número de sua congregação cresceu admiravelmente.

A primeira atitude, a que se propôs, foi a de dominar seu corpo com fortes sacrifícios quanto à comida, à bebida e ao descanso. Era gordo e forte e chegou a emagrecer de modo impressionante. Ao final de sua vida, chegou a admitir que, no princípio de sua vida religiosa e de sacerdócio, exagerou demais nas mortificações o que debilitou a sua saúde.

Outro de seus grandes sacrifícios foi o de dominar seu orgulho. Nos primeiros anos de sua vida religiosa, os superiores o humilharam, mais do que o necessário, para verem se tinha realmente vocação. E para ele, que havia sido Duque e governador, lhe atribuíram na comunidade o cargo de ajudante de cozinheiro, e como tarefa tinha que carregar água, lenha, acender a estufa e varrer a cozinha. Quando quebrava algum prato ou cometia algum erro, ao servir no refeitório, tinha que pedir perdão publicamente de joelhos, diante de todos. E jamais se ouviu dele qualquer queixa. Sabia que se não dominasse seu orgulho, jamais chegaria à santidade.



Uma vez um médico lhe disse, ao fazer um curativo doloroso: "sinto que isto causará dor a Sua Excelência". Ele respondeu: "o que sinto é que chame de excelência a um pecador".

Quando as pessoas o aplaudiam ou falavam muito bem dele, estremecia de pavor. Um dia afirmou: "sou tão pecador, que o único lugar que mereço é o inferno".

A outro dizia: "busquei um posto para mim na Bíblia, e vi o único que me atreveria a ocupar seria aos pés de Judas, o traidor. Mas não o pude ocupar, porque ali estava Jesus lavando-os". Assim são os santos: humildes.

Quando Santo Ignácio morreu, o Padre Láinez o substituiu. Quando este veio a falecer, os jesuítas nomearam a São Francisco de Borja como Superior Geral. Durante os sete anos que ocupou este cargo dedicou-se, com tanta atividade, a seu trabalho que foi chamado por alguns de "o segundo fundador dos jesuítas". Por toda parte apareciam casas e obras de sua comunidade, mandou missionários aos mais diversos países do mundo.

O Papa e os Cardeais o queriam muitíssimo e sentiam por ele uma grande admiração. Organizou, com muita sabedoria, os noviciados para seus religiosos e com sua experiência de governante deu à Companhia de Jesus uma organização admirável.

O Sumo Pontífice enviou um embaixador a Espanha e Portugal para tratar de assuntos muito difíceis e ordenou a São Francisco que o acompanhasse. A missão foi um fracasso, mas por todas as partes as pessoas o aclamavam como "o grande Duque" e seus sermões produziram muitas conversões.



Ao voltar a Roma se sentiu muito debilitado. Havia se desgastado, quase em excesso, para cumprir seus deveres. Em 30 de setembro de 1572 entregou sua alma ao Criador. Um dos que conviveram com ele, exclamou ao saber da notícia de sua morte: "este foi um dos homens mais bondosos, mais amáveis e mais notáveis que já pisaram neste pobre mundo".

## SOS PEDIMOS AJUDA

- ◆ Estamos próximos de completar 25 anos de existência.
- ◆ Como nos propusemos, conseguimos, graças à proteção de Nossa Senhora enviar e distribuir nossa publicação gratuitamente.
- ◆ Felizmente muitos de nossos leitores nos têm ajudado. Temos porém atravessado dificuldades, principalmente para ampliar a nossa tiragem.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

### BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

### BRABESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

- Ou então, envie-nos pelo correio um cheque nominal e cruzado ao Grêmio Santa Maria

**QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE**

## A supressão da Companhia de Jesus em 1773

Por volta de 1750, a Companhia de Jesus tinha cerca de 200 anos de existência.

Tinhm sido 200 anos de serviço a Deus e bem para as almas. Assim, os jesuítas haviam sido os teólogos papais em Trento, eles haviam ajudado a deter o avanço protestante na Europa e reconquistado terras para a Igreja Católica, como foi o Sul da Alemanha por obra de São Pedro Canísio. Eles haviam evangelizado muitos povos, como foi o caso de São Francisco Xavier nas Índias e Japão e do Bem-aventurado Padre José de Anchieta e do Padre Nóbrega no Brasil. Além disso, muitos jesuítas haviam sofrido o martírio pela Fé, fosse na América com os mártires canadenses, fosse na Inglaterra, perseguidos pelos protestantes.



Mas, tinham sido também 200 anos de lutas e perseguições contra eles. Assim, haviam lutado contra os jansenistas e galicanos, na Europa e contra os que queriam escravizar os Índios nas Américas.

Tudo isso atraía sobre eles grandes ódios dos maus. E havia também a incompreensão de muitos e inveja de tantos.

Por volta de 1750 os inimigos da Fé decretaram que se deveria acabar com a Companhia de Jesus, como meio de destruir - se tal fosse possível - a Santa Igreja Católica.

Para tanto um complô foi montado e do qual participaram escritores, nobres, políticos e - ó tristeza - eclesiásticos.

Os jesuítas tinham numerosos inimigos. Um prodigioso sucesso teria bastado para atrair o ódio contra eles: 23 mil membros, 800 casas, 700 colégios e 300 missões.

Mas a sua influência era bem maior da que indicam os números. Na França, na Espanha, em Portugal, na Polônia, nos vários pequenos Estados da Alemanha e da Itália, eles eram confessores dos Príncipes e, controlavam a distribuição dos recursos das dioceses e abadias.

Nos seus colégios, eram formados os filhos de nobres e de ricos burgueses, o que era outro meio de exercer uma influência. Mas isso não significava que as missões populares deveriam ficar sem os seus melhores padres pregadores.

Como não se espantar do fato de seus adversários serem uma legião? Oratorianos, enciclopedistas e outros institutos reprovavam sua disciplina e concepções dogmáticas. Na Alemanha, o clero secular acusava-os de monopolizar o controle da Universidade. Em Roma, cardeais como

Passionei, sentia-se irritado ao vê-los pelos corredores da Cúria.

Por outro lado, os jansenistas, adversários ferozes dos jesuítas, esperavam o momento da revanche. Os jansenistas dominavam os Parlamentos, a alta administração e tinham como aliados, na França, os galicanos, ou seja, todos aqueles que preconizavam a independência dos Estados em relação a Roma.

Mas, sobretudo havia, por trás dessa campanha muito bem orquestrada, os sagazes e resolutos filósofos ateus, inimigos da Igreja, que somente censuravam os Padres jesuítas, por serem fiéis defensores do papa, a "sentinela da Corte de Roma", como dizia Frederico II. "Quando destruirmos os jesuítas, escreveu Voltaire, teremos desfechado um golpe contra a Infame" (assim, ele chamava a Santa Igreja).

O drama começa em Portugal. Governava o país o Marquês de Pombal, político, que recebeu formação nos meios "filosóficos" de Londres, voltou, senão totalmente ateu, ao menos voltairiano e anticlerical.

Empenhou-se em reorganizar o reinado português aplicando métodos do chamado "despotismo esclarecido". Ele achava que para a realização de seu plano, precisaria acabar com o poder da Igreja, domesticar o clero, e mais ainda, disseminar por toda parte as idéias novas.

Tudo vira pretexto para atacar os jesuítas: taxas que as Universidades pagavam cada 15 anos a Roma, ação dos Padres apostólicos na Índia, o chapéu cardinalício que o Núncio em Lisboa demora em obter.

O rastilho da pólvora foi atizado pelo que ficou conhecido como "a guerra dos guaranis". No Paraguai, os jesuítas tinham levado a cabo uma ação missionária agrupando os Índios convertidos em suas famosas "Reduções". Ora, acontece que um tratado de delimitação, assinado entre Espanha e Portugal (1754) previa que algumas dessas "Reduções" - em torno de 30 mil índios - passariam para o controle portugueses.



Quando os funcionários de Lisboa resolvem tomar posse desses novos distritos, eles deparam-se com uma resistência feroz.

Pombal se enfurece. E manda compor um panfleto no qual acusa a Companhia de Jesus de ter fomentado a rebelião para proteger as grandes riquezas que esta, dizia-se, possuía na América. E solicita a Bento XIV uma investigação rigorosa. Na

tentativa de solucionar o problema, o papa designa como "visitador" o cardeal Saldanha, patriarca de Lisboa, amigo de Pombal.

Em menos de três semanas, o estranho investigador, que nem chega a viajar, compõe um relatório totalmente hostil aos Padres, que são acusados de se dedicarem a negócios duvidosos, de serem causa de escândalo para os colonos honestos, e de muitas outras culpas. Na realidade era outra coisa. O comércio escandaloso, era praticado pelos navios negreiros ingleses e portugueses - que também participavam da campanha contra os Jesuítas - e, que os acusavam de ter muita complacência com os escravos.

O Padre Lourenço Ricci, geral da Companhia, protesta contra o relatório Saldanha, mas com moderação, temendo desencadear uma perseguição pior.



Clemente XIII sobe ao trono pontifício.

Um fato inesperado põe nas mãos de Pombal o pretexto para eliminar a Companhia de Jesus: um atentado que sofre o Rei na noite de 3 de setembro de 1758. O Rei, ao voltar da casa da amante, é atacado por três homens a cavalo, ficando ferido em um braço. Há outras versões comprovando a existência de manipulações, como a de que os disparos teriam sido feitos pelo marido e irmãos da mulher. Acusa-se os jesuítas injustamente.

O caso não comporta delongas. As casas dos jesuítas são cercadas pelas tropas e os Padres são atirados nas prisões. Alguns tiveram de suportar maus tratos por 20 anos - outros, mais felizardos, - foram deportados para Civitavecchia, nos Estados do Papa.

Alguns desses Padres, cuja linguagem parecia ser mais enérgica, são entregues ao tribunal da Inquisição, presidido pelo próprio irmão de Pombal. O mais "comprometido" deles, o velho missionário Malagrida, de 81 anos, é condenado a morrer na fogueira (1761).

Na França, entretanto, o caso se desenrola de maneira bem diferente do que tinha sido em Portugal. Não é seguido por medidas de violência. Adquire um aspecto jurídico e administrativo, em que o governo, ao contrário do de Lisboa, não entra no jogo.

Tudo parece indicar como sendo uma desforra dos jansenistas, e, mais propriamente dos jansenistas parlamentares. Havia também o ódio da amante do Rei, a Marquesa de Pompadour que não se conformava com o fato de não ter um confessor

jesuíta a não ser que deixasse sua vida escandalosa com o Rei.

Um certo Padre La Valette, meridional (de Marseille) impetuoso e de larga visão, estava desde 1743 nas Antilhas. Ali, tendo se tornado superior das missões jesuíticas, então decadentes, consegue levantá-las, organizando com um talento de homem de negócios, um vasto e rentável sistema de vendas de produtos coloniais para a Europa.

Infelizmente, o negócio que começara bem, fracassa e acusa-se os jesuítas, como um todo e eles são condenados a pagar uma fortuna. No fundo querem expulsar os jesuítas.

O Parlamento decide estudar as Constituições e a teologia dos jesuítas. Nessa ocasião são queimadas 25 de suas obras. É redigido um decreto que praticamente obriga os Padres a fecharem todas as suas escolas.

O governo real ainda faz uma tentativa. Envia a Roma um mensageiro especial, o cardeal Rochechouart, com uma proposta ao Padre Geral Lourenço Ricci, de proteger a Companhia, caso fosse feita a seguinte pequena modificação nas Constituições: a de nomear um vigário geral que, junto com o governo francês, assumiria a direção dos jesuítas na França. Mas, a esta interferência de um Estado na Sociedade de Santo Inácio, o Geral Lourenço Ricci recusa categoricamente. Diz ele, referindo-se às Constituições: "Sint ut sunt, aut non sint", Ou elas serão o que são, ou elas não serão mais.

Elas não serão mais. Apesar de um novo esforço do ministro Choiseul para resolver a questão, o Parlamento acata a acusação. E aparece um enorme documento contendo as asserções perigosas e perniciosas dos assim chamados jesuítas. Numerosos bispos, liderados por D. Christophe de Beaumont (Paris) protestam veementemente. Um decreto de Paris - 6 de agosto de 1762 - decide a supressão da Companhia de Jesus.

Em 18 de novembro de 1764, o Rei Luis XV cede e declara a Companhia de Jesus abolida na França. Os Padres recebem a interdição de continuar vivendo como religiosos.

Num sobressalto de reação, Clemente XIII protesta, lançando uma encíclica contra tal decisão. Esta, se bem que aprovada pela maioria do episcopado, não tem o seu texto reconhecido pelo Parlamento e é ignorada pelo povo católico da França. O primeiro reinado da Cristandade rejeita a Companhia de Jesus.



E é imediatamente seguido por outros. O pacto de família que ligava os Bourbons da França aos da Espanha e Itália interfere nesse caso. A Espanha, a católica Espanha, a pátria de Santo Inácio, expulsa de sua terra os jesuítas! O fato parece incrível, ainda mais, levando-se em consideração que, 25 anos antes, uma primeira ofensiva feita contra a Companhia pelo Rei Philippe V causou uma pesquisa que terminou no Editó de Madrid (1745) totalmente favorável aos filhos de Santo Inácio.

Por que, então, o seu filho Carlos III retoma o caso? Ele era um príncipe honesto piedoso, mas de temperamento autoritário. Por outro lado, é fora de dúvida que no reinado do soberano católico, a Companhia de Jesus, por seu poder e sua influencia, e por suas criticas - aliás justificadas - que alguns de seus membros faziam ao estado geral do clero, contribuiu para atrair numerosos inimigos.

Além disso, quando assume o poder (1766) como presidente do Conselho de Castilha, o conde d'Aranda, amigo pessoal de Voltaire, anticlerical ferrenho, não tem dificuldade em montar contra a Companhia uma operação de grande estilo. Ele adverte o Rei de que os jesuítas preparam um complô para derrubá-lo e substituí-lo por um de seus irmãos. Ao mesmo tempo, Aranda lembra a seu mestre, que, estando a opinião pública contrária aos Padres, seria perigoso ir contra os seus interesses.

Carlos III assina a "Pragmática Sanção" de 1767 ordenando a dissolução da Companhia de Jesus, e, mais tarde, os Padres são presos durante a noite, levados a um porto, e embarcados para Civitavecchia, que aliás acabam indo parar na Córsega.

Quando chega em Nápoles, a noticia da supressão dos jesuítas na Espanha, os soldados cercam as residências onde viviam algumas centenas de jesuítas e os enviam para Terracine, terra do Sumo Pontífice.



No Grão-Ducado de Parma, o caso toma outro rumo e tem conseqüências mais graves. Quando Guilherme de Tillot, francês, amigo de Voltaire e Condillac, tornou-se ministro do Grão-Ducado, uma das primeiras providencias foi a de mandar prender 170 jesuítas e expulsá-los. Ao mesmo tempo, ele toma uma série de medidas anticlericais.

Os jesuítas são todos expulsos de Parma.

E os quatro governos entram em entendimento para exigir de Roma o fechamento da

Companhia de Jesus. A questão passa então para um novo plano.

A morte de Clemente XIII iria permitir às quatro potencias bourbonianas de conseguirem os seus objetivos. O que teria ocorrido durante o longo conclave - mais de três meses - que desfechou (18 de maio de 1769) na eleição de Clemente XIV?

Nunca se soube ao certo, mas alguns sinais levam a pensar que o cardeal Ganganelli, velho franciscano sem prestigio, não foi promovido pelo cardeal espanhol Solis e o cardeal francês Bernis por qualquer motivo; tanto um como o outro conclave, gabam-se de ter engajado formalmente o futuro papa na supressão da Companhia de Jesus antes dele se eleger. É preciso dizer que a conduta do soberano pontífice parece confirmar isso.



Tão logo é coroado, Clemente XIV trata os países que tinham atacado a Companhia com mansidão: o irmão de Pombal recebe o chapéu cardinalicio; o decreto contra Parma é suspenso. Ao mesmo tempo, uma série de fatos desagradáveis como busca em colégios e fechamentos de alguns deles, mostram que os sentimentos do papa franciscano eram bem antijesuítas.

Entretanto, Clemente XIV hesita, temporiza, questiona. Uma consulta de alguns especialistas em Direito Canônico, explica que ele poderia, por sua própria autoridade, suprimir a Companhia. Mas, aos embaixadores da Espanha, Portugal, de Nápoles, de Parma e França o papa responde que se sente na obrigação de ter consideração pelos países que não querem a supressão, notadamente Áustria, Polônia, Genova e Veneza.

Mês a mês a atmosfera vai ficando pesada em Roma. Entre antijesuítas e filo-jesuítas a batalha era aberta.

Com a chegada a Roma, como embaixador da Espanha, de Moñino, mais tarde Conde de Florida-Blanca, vem a solução.

Ao mesmo tempo, o Rei da Polônia perde toda a autoridade por causa da partilha de seu país, e o co-regente da Áustria, José II adquire uma grande influencia sobre sua mãe Maria Teresa. Pressionado de todos os lados o infeliz Clemente cede, e no dia 8 de junho de 1773, a bula "Dominus ac redemptor" suprime a Companhia de Jesus.

Comentou-se muito que o seu texto não continha as expressões tradicionais "motu próprio", e em Roma correu o boato de que, tomado por remorsos, o papa quis rever o texto, mas Moñino, já havia expedido o documento para Madrid. Em todo

caso, medidas práticas já haviam sido tomadas. Os bispos recebem ordem para acompanhar o fechamento das casas dos jesuítas; em Roma, a igreja do Gesu é confiscada e os Padres são expulsos. O Geral é preso e enviado para o castelo Santo Ângelo.

Uma Congregação cardinalícia é constituída expressamente para por fim à Companhia de Jesus que, por dois séculos tinha estado na vanguarda em todos os combates pela Fé.

Que tal decisão tenha deixado o Papa arruinado, não há duvida. Ele morreu um ano depois, menos pelo terrível eczema que o invadiu, do que por remorsos pungentes. Amigos dos jesuítas garantem que antes de morrer, ele teria revogado a bula.

Ao receber a notícia da supressão, Voltaire dá uma gargalhada e exclama:

- Em 20 anos não existirá mais a Igreja Católica!

A história não deveria confirmar tal previsão, mas como não pensar que a lamentável decisão de Clemente XIV tenha desfechado à Causa da Igreja um golpe tão terrificante?

Talvez, esperasse com essa atitude, desfazer a hostilidade dos monarcas: mas um futuro muito próximo haveria de revelar seu equivoco, pois, precisamente esse foi o sinal de uma ofensiva quase geral contra a autoridade papal.

Além disso, não teria ele medido o alcance de seu gesto? O ensino católico privado de 800 colégios e 15 mil mestres, as missões nos países pagãos decapitados num só golpe, toda uma enorme parcela do pensamento católico - exatamente a que tinha resistido aos erros do jansenismo - havia se tornado suspeita...

Passados dois anos depois da morte de Clemente XIV, um homem corajoso, o cardeal Antonelli, entrega a Pio VI uma nota condenando a bula Dominus ac Redemptor e pedindo a sua imediata anulação. Mas era muito tarde...

A Companhia de Jesus, tropa de elite do papa, não estará a seu lado quando um furacão se abater sobre a Santa Sé e a Igreja (Revolução Francesa). Uma das últimas palavras de Clemente XIV teria sido: "Cortei a minha mão direita": o que era tristemente verdadeiro.

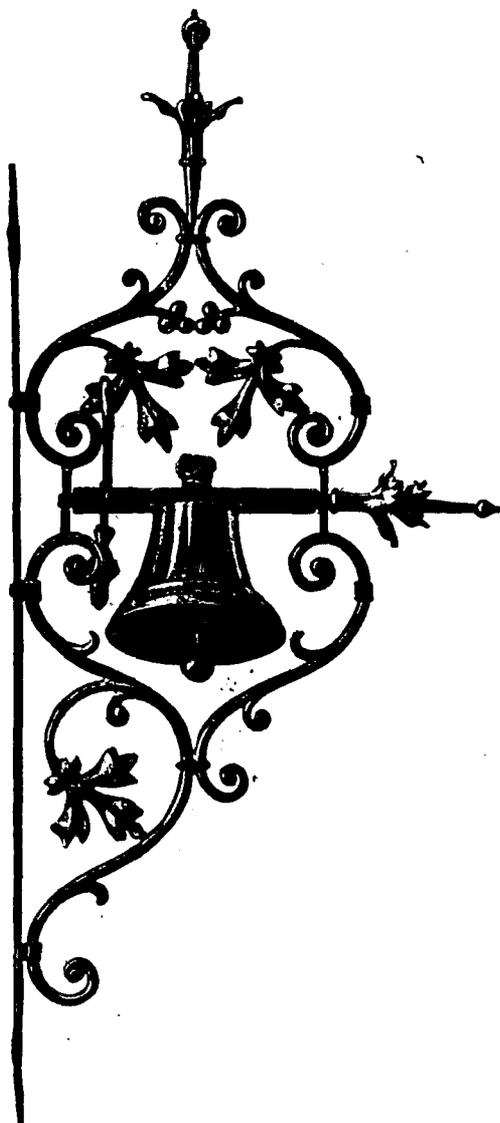


Mas a Companhia de Jesus continuaria a existir. A cismática czarina da Rússia, Catarina II e o protestante Rei da Prússia, Frederico II recusam-se a autorizar a publicação do decreto pontifício e os jesuítas continuam a existir nesses países.

Após o vendaval da Revolução Francesa, o Papa Pio VII reabre a Companhia de Jesus.

A 7 de agosto de 1814, em solene cerimônia, o Papa Pio VII entregou a uma centena de velhos jesuítas a bula Sollicitudo omnium Ecclesiarum, pela qual dava poder de plena reintegração à Companhia de Jesus. Nessa cerimônia, a princesa Maria Luisa de Bourbon fazia-se presente como que a reparar o grande delito ancestral de sua família.

(apud Daniel Rops - in Historia no. 144)



## O INFERNO EXISTE (IV)

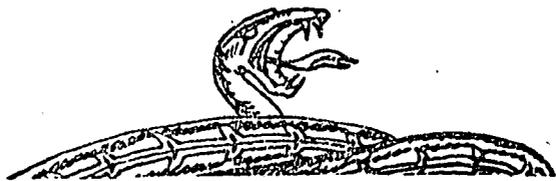
**“Não voltou ninguém do outro mundo para nos dizer que existe a eternidade”**

Não há tal. Se consultardes a História, vereis como freqüentes vezes Deus permitiu, em todos os tempos, que viesse alguém dizer-nos da existência das verdades que Ele revelou. Muito de indústria, esses doutores da impiedade omitem o estudo dos fatos; e depois sentenciam do alto de suas cátedras que nunca ninguém levantou a cabeça da sepultura para nos dizer que existe algo depois da morte.

A história da Igreja na Polônia registra um fato importantíssimo, sucedido em 1070, com Santo Estanislau, Bispo de Cracóvia. Trata-se duma prodigiosa ressurreição, perante muita gente, numeroso clero e magistrados.

Boleslau, rei ímpio e cruel, movera contra o santo bispo Estanislau uma feroz perseguição; entre outras coisas, acirrou de ódio contra o Bispo, os herdeiros de um Pedro Miles, que tinha morrido três anos antes, deixando para a Igreja uma de suas terras. Os herdeiros, certos do apoio do rei, processaram o santo, e tendo subornado ou intimidado as testemunhas, conseguiram que Estanislau fosse condenado à restituição do terreno.

O santo, vendo que falhava a justiça dos homens, apelou confiantemente para a de Deus e, conseguindo suspender a condenação, prometeu que chamaria como testemunha o próprio testador, que havia três anos jazia na sepultura. Com efeito, depois de três dias de jejum e orações, o santo Bispo se dirige com todo clero à sepultura de Pedro Miles. Aberto o túmulo, encontraram, como se previa, poucos ossos num monte de pó, e já os adversários se alegravam, certos da vitória.



Mas o santo com voz majestosa ordena ao cadáver que ressuscite, em nome d'Aquele que é ressurreição e vida; e, num pronto, aqueles ossos se aproximam, cobrem-se de carne na presença de uma imensa multidão possuída de grande terror.

O Bispo tomou-o pela mão e o levou diante de Boleslau para certificar a verdade da doação feita, confundindo destarte o rei e os herdeiros.

Perguntou-lhe depois se preferia voltar à sepultura ou viver ainda alguns anos na terra; ele respondeu que, conquanto pelos seus inúmeros pecados estivesse no purgatório, onde sofria muito, preferia tornar a morrer, a ficar nesta terra tão miserável, em que poderia sempre correr o perigo de se condenar eternamente.

Suplicando as orações do santo bispo para se libertar logo do purgatório, foi levado processionalmente ao seu sepulcro, aí entrou e ficou no estado de antes.



Na vida de S. Bruno, fundador dos Cartuxos, lê-se a ressurreição momentânea de uma personagem respeitável para atestar, diante de muita gente, a própria condenação. Paris e toda a França ficaram horrorizadas com esse acontecimento; foi, então, que Bruno, temendo os juízos divinos, retirou-se para a Cartuxa a fim de levar vida austeríssima.

Morreu Raimundo Dioces, doutor de Sorbonne, homem conceituadíssimo pela sua vasta ciência, não menos por uma aparência de virtude. Depois de três dias, o seu corpo, revestido das insígnias doutorais, foi transportado solenemente para ser sepultado; acompanhava-o o colégio dos professores, grande número de estudantes e parte do clero.

As exéquias celebraram-se na catedral, revestida de luto, entre luzes e muitas inscrições que lembravam a insigne ciência e as virtudes do ilustre extinto. Mas quando o coro dos cantores chegou àquele trecho do ofício. Responde mihi: quantas habeo iniquitates et peccata; scélera mea et delicta ostende mihi;

onde o santo Job roga a Deus lhe faça conhecer as suas culpas, eis que de repente o cadáver, que estava estendido no catafalco, à vista de todos se anima, se assenta, volve sinistramente os olhos e com voz de desespero, exclama: - "Por justo juízo de Deus fui acusado, julgado e condenado". Dito isto, caiu de novo para não mais se levantar. O infeliz doutor tinha ocultado o vício sob as aparências da virtude, e Deus que perscruta os corações o reprovava.

É fácil imaginar o terror da numerosa multidão que assistia aos funerais. Bruno abandonou o mundo e correu a se esconder na horrível solidão da Cartuxa de Grenoble, para garantir uma sentença favorável no juízo e evitar as penas do inferno.



O século XIX foi também fecundo de aparições de além túmulo e já narramos algumas. A que vamos agora narrar com as palavras de Monsenhor Ségur, foi confirmada por um sinal deixado numa porta, sinal esse que se conserva religiosamente. Parece que Deus na sua bondade, com o crescer da incredulidade e da libertinagem, aumenta os testemunhos das verdades terríveis do juízo e do inferno, para confirmar na fé os cristãos e preservá-los da impiedade.

A 4 de novembro de 1859 morreu de apoplexia fulminante, no convento das Franciscanas de Foligno, uma boa irmã, chamada Teresa Gesta, que por muitos anos fora mestra das noviças e ao mesmo tempo encarregada de superintender à pobre rouparia do convento. Nasceria na Córsega, em 1797, e entrara na Ordem em fevereiro de 1826; fora supérfluo dizer que estava convenientemente preparada para a morte.

Doze dias depois, precisamente aos 16 de novembro, uma irmã, de nome Ana Felicidade, que a substituíra no cargo, subiu à rouparia e estava para entrar quando ouviu gemidos que pareciam vir do interior do quarto. Um tanto assustada abriu a porta; ninguém! Mas ouviu novos gemidos e, tão distintos, que apesar de sua coragem comum, a irmã ficou com medo.

"Jesus! Maria! Gritou ela, que é isso?"

Não acabou de falar quando ouviu uma voz que dizia: - "O meu Deus, quanto soffro!"

A irmã, atônita, reconheceu a voz de irmã Teresa.

Então o quarto se encheu de fumaça densa, e a sombra de irmã Teresa apareceu em ato de se dirigir para a porta arrastando-se ao longo da parede; e chegando à porta, disse: - "Eis um sinal da misericórdia de Deus"; e assim falando, tocou com a palma da mão a porta, e a deixou impressa em traço carbonizado; e desapareceu.

Irmã Ana Felicidade, toda nervosa, morrendo de medo, começou a gritar e pedir socorro. Correu uma de suas irmãs de hábito, outra, depois toda a comunidade; fizeram-lhe roda, incomodadas com os gritos e com o tresandar de madeira queimada. Irmã Ana contou o que tinha sucedido e mostrou na porta o terrível sinal. Elas reconheceram a forma da mão da irmã Teresa, que era bem pequena; então aterrorizadas, mais que depressa foram à igreja para rezar pela defunta, e pela mesma intenção passaram a noite na oração e na penitência, e na manhã seguinte receberam a Comunhão.



A notícia espalhou-se fora de casa e diversas comunidades religiosas daquela cidade uniram suas orações às das Franciscanas.

No dia seguinte, 18 de novembro, irmã Ana Felicidade, entrando na cela para o repouso, ouviu que a chamavam pelo nome e reconheceu a voz da irmã Teresa; viu então aparecer um globo de luz, iluminando o quarto como se fora meio-dia, e ouviu distintamente a voz de irmã Teresa, que jubilosa lhe falou: - "Morri numa sexta-feira, dia dedicado à paixão, e numa sexta-feira vou para a glória: sêde fortes no levar a vossa cruz, sêde corajosas no suportá-la, amai a pobreza"; e com muito afeto, ajuntou: - "adeus! adeus! adeus!". Dito isto, transfigura-se em uma nuvem leve, branca, deslumbrante, alteia-se para o céu e desaparece.

O bispo de Foligno e os magistrados da cidade procederam a um inquérito canônico para averiguar o fato, e no dia 23 de novembro,

na presença de muitas testemunhas, aberto o túmulo de irmã Teresa, reconheceram que o sinal gravado com o fogo na porta era plenamente conforme à mão da defunta. O resultado desse inquérito foi uma declaração oficial, a qual atestava a certeza e a autenticidade do que referimos. A porta com o sinal se conserva com veneração no convento para testemunhar a aparição.



O Padre Bach, na vida de S. Francisco de Jerônimo, narra a triste sorte duma mulher incrédula que zombava do inferno e dos novíssimos. O fato não deixa nenhuma dúvida, pois foi juridicamente provado no processo de canonização do santo, e atestado com juramento por muitas testemunhas oculares.

No ano de 1707, S. Francisco de Jerônimo pregava, como de costume, nos arrabaldes de Nápoles, falando sobre o inferno e os terríveis castigos reservados aos pecadores obstinados. Uma mulher insolente, que morava na redondeza, aborrecida com aqueles sermões, que lhe acordavam no coração amargos remorsos, procurou molestá-lo com chascos e gritos, desde a janela de sua casa; uma vez, o santo lhe disse: - Ai de ti, filha, se resistes à graça! Não passarão oito dias, sem que Deus te castigue.

A desaforada mulher não se perturbou por aquela ameaça e continuou com suas más intenções. Passaram-se oito dias, e o santo foi pregar de novo perto daquela casa, mas desta vez as janelas estavam fechadas e ninguém o importunava. Os vizinhos que o ouviam consternados lhe disseram que Catarina (tal era o nome daquela péssima mulher) tinha morrido de improviso, pouco antes.

- Morreu? Disse o servo de Deus; pois bem, agora nos diga de que valeu zombar do inferno; vamos perguntar-lhe.

Os ouvintes sentiram que essas palavras o santo as pronunciara com inspiração, e porisso todos esperaram um milagre. Acompanhado da multidão subiu à sala, convertida em câmara ardente, e após breve oração, descobriu o rosto da morta e:

- Catarina, gritou, dize-nos onde estás!

A esta ordem, a defunta ergue a cabeça, abre os olhos, toma cor o seu rosto, e em atitude de horrível desespero, profere com voz lúgubre estas palavras:

- No inferno! Eu estou no inferno!

Imediatamente cai e volta ao estado de frio cadáver.

Eu estava presente ao fato, afirma uma das testemunhas que depuseram no tribunal apostólico, mas não saberia explicar a impressão que causou em mim e nos circunstantes; ainda hoje, passando perto daquela casa e olhando a tal janela, fico muito impressionado. Quando vejo aquela funèsta moradia, pareceu-me ouvir a lúgubre voz: - No inferno! Eu estou no inferno!

Padre André Beltrami - SDB

